

JOSÉ SARAMAGO E O TRATADO DA INTOLERÂNCIA NA PEÇA TEATRAL *IN NOMINE DEI*¹

Luciana Morteo Éboli²

RESUMO

O trabalho analisa a peça teatral *In Nomine Dei*, de José Saramago, sob a ótica da construção da memória cultural e do trágico na dramaturgia. Escrita em 1993, a obra traz à cena a rebelião de Münster, na Alemanha do século XVI, que colocou em conflito católicos e protestantes, culminou em guerras de poder e em grande mortandade de pessoas. Com as consequências e os horrores da intolerância apresentados por Saramago, surge a seguinte questão: Afinal, quem é Deus, quem é o Diabo e quem é o Homem? Para tanto, busca-se no *Estudo sobre o trágico* de Peter Szondi, em sua reflexão filosófica, o entrecruzamento com a peça em estudo, a partir das seguintes premissas: não é o aniquilamento que é trágico, mas o fato de a salvação tornar-se aniquilamento. Não é no declínio do herói que se cumpre a tragicidade, mas no fato de o homem sucumbir no caminho que tomou justamente para fugir da ruína. E por fim, o sentido do trágico baseia-se numa oposição irreconciliável. Para análise da memória cultural, busca-se nas ideias de Aleida Assmann, através de *Espaços da Recordação*, os entrecruzamentos teóricos necessários para a reconstrução da narrativa do passado trágico, tecido na ação dramática do texto teatral em estudo.

Palavras-chave: Saramago, rebelião de Münster, teatro, trágico.

1 Trabalho vinculado à pesquisa Narrativas Cênicas e Expressões na Arte: Imaginário, Memórias e Identidades – PROPEQ/UFRGS, coordenada pela autora no Departamento de Arte Dramática e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS.

2 Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – e-mail: lmeboli@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O trabalho analisa a peça teatral *In Nomine Dei*, de José Saramago, sob a ótica do trágico na dramaturgia e da memória cultural. O drama foi escrito e publicado no ano de 1993 e faz parte de um conjunto de cinco peças que compõem a breve, mas marcante, incursão de Saramago pela dramaturgia, que são elas: *A Noite* (1979), *A segunda Vida de Francisco de Assis* (1987), *Que farei com este livro?* (1980) *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido* (2005) e *In nomine dei* (1993).

Esta obra traz à cena a rebelião de Münster, cidade na Alemanha do século XVI, que colocou em conflito católicos e protestantes, culminou em guerras de poder e em grande mortandade de pessoas. Podemos situar a ação da peça no período da reforma protestante e da contrarreforma católica na Europa, e todo o movimento religioso baseado em conflitos e novas determinações que enquadravam as comunidades religiosas a partir de preceitos amplamente abusivos, punitivos e muitas vezes fatais.

Com as consequências e os horrores da intolerância apresentados por Saramago, surge a seguinte questão: Afinal, quem é Deus, quem é o Diabo e quem é o Homem? Esta reflexão permeia a narrativa do passado trágico, tecido na ação dramática do texto teatral em estudo. Sobre retratar o este conflito histórico em forma de teatro, revela Saramago, em entrevista a Carlos Reis publicada na obra *Diálogos com José Saramago* (2018), que sua incursão pelo gênero dramático, sempre que se fez, foi a partir de demandas específicas e encomendas para montagens. Ele diz:

(...) em nenhum momento tive a ideia: e se eu escrevesse agora uma peça de teatro? Todas as peças de teatro que escrevi resultaram de convites e propostas. (...)O *In Nomine Dei* nasceu disto: o Teatro de Ópera de Münster pediu-me (fiquei completamente desconcertado nesta altura) um texto de teatro sobre os anabatistas, com destino a uma ópera. Não estou a dizer nada de novo, tudo isto é conhecido (p.100-102).

O escritor afirma que nunca se considerou um dramaturgo, porém percebe-se que ele se utilizou com propriedade de diferentes recursos dramáticos para sua construção textual. É importante também salientar a forma como ele dá voz e ênfase à tragicidade do massacre.

Pois bem, voltando ao massacre, a ação se passa em Münster, cidade no norte da Alemanha, entre maio de 1532 e junho de 1535, durante a reforma protestante. O conflito em Münster foi reflexo das tensões entre

diferentes grupos religiosos e seus preceitos: os Católicos, que eram os batizados; luteranos, que não queriam ser batizados; anabaptistas que eram rebatizados quando adultos.

Mas quem foram os anabaptistas? Eram os que de fato faziam parte da doutrina mais radical.

SOBRE O TEXTO, SEUS REFERENCIAIS E AS CONSEQUÊNCIAS DO FATO HISTÓRICO

Os anabaptistas pregavam a liberdade religiosa. Há registros históricos que atestam a sua existência a partir do século XI. Eles eram pessoas que não concordavam com as práticas católicas e consideravam a Bíblia como a única fonte confiável sobre Deus, organizavam e estruturavam doutrinas próprias. Com o tempo, eles estenderam-se para as camadas populares e formaram sindicatos anabatistas de camponeses.

Em *In nomine Dei*, José Saramago retrata a rebelião, iniciada pelo ex-cônego da Catedral de Münster e ministro luterano Bernard Rothmann, pregador anabaptista. Temos, então, os seguintes personagens da peça: o Bispo católico, o prefeito local, o chefe da oposição anticlerical em Münster, além das pessoas do povo representantes de católicos, luteranos e anabaptistas, vários eclesiásticos e soldados do exército do bispo (católico).

A ação parte da pressão dos reformistas e a consequente reação da igreja católica, com a intervenção política e econômica, a instauração do conflito armado, apresenta a vitória dos anabaptistas e a eleição do conselho municipal. Coloca em cena o descontentamento dos luteranos, os conflitos entre as doutrinas, as guerras de poder e a mortandade do povo em nome de Deus.

Saramago desenvolve a ação sem tomar partido de uma ou outra doutrina, mas indica os fatos e as consequências a partir de uma visão ateuísta. Diz ele na apresentação da peça:

Não é culpa minha nem do meu discreto ateísmo se em Münster, no século XVI, como em tantos outros tempos e lugares, católicos e protestantes andaram a trucidar-se uns aos outros em nome do mesmo Deus – *In nomine dei* – para virem a alcançar, na eternidade, o mesmo paraíso. Os acontecimentos descritos nessa peça representam, tão só, um trágico capítulo da longa e, pelos vistos, irremediável história da intolerância humana. Que o leiam assim, e assim o entendam, crentes e não crentes, e farão, talvez,

um favor a si próprios. Os animais, claro está, não precisam (SARAMAGO, 1993, p.9).

Ao pensar na tragédia da intolerância, Peter Szondi (2004), em seu estudo sobre o trágico, aponta a transição da teoria aristotélica aplicada à tragédia grega para uma reflexão filosófica do trágico a partir não só da dramaturgia grega, mas também dos textos modernos e contemporâneos. O entrecruzamento com a peça em estudo, a partir da ideia de salvação e aniquilamento propõe que: “não é o aniquilamento que é trágico, mas o fato de a salvação tornar-se aniquilamento”. E a rubrica inicial descreve o ambiente da tragédia que aconteceria, em antecipação:

Anoitecer. O chão está coberto de cadáveres, homens e mulheres. No meio deles, alumando-se com lanternas, vão e vêm soldados armados. Procuram, entre os corpos, os que ainda dão sinais de vida. Quando encontram algum, acabam-no com uma punhalada. Pouco a pouco, a luz tem vindo a diminuir. Um atrás de outro, terminada a tarefa, os soldados retiram-se. A escuridão torna-se total quando o último vai desaparecer (SARAMAGO, 1993, p.15).

Szondi afirma que não é no declínio do herói que se cumpre a tragicidade, mas no fato de o homem sucumbir no caminho que tomou justamente para fugir da ruína. Em *In Nomine Dei*, o chefe da oposição anticlerical, afirma em tom de ameaça: “a mão direita de Deus nos acolherá; a sua mão esquerda precipitará no abismo os inimigos”; e o pregador Rothmann complementa: “que a cidade de Münster seja como um altar na terra” (p.17). Nesta cena, Rothmann já havia sido impedido pelo bispo de continuar suas pregações. Ainda assim, ele ameaça: “aos católicos achá-los-á o Senhor, secos da alma e do corpo, pois o sangue que nas veias lhes corre é como o sangue do demônio, frio e amargo”. (p.18) Ao que é replicado pelo coro de eclesiásticos: “detestado sejas tu, sequaz de Lutero; ofendes a igreja do senhor e isso é como ofender o próprio deus” (SARAMAGO, 1993, p.19).

O coro tem papel muito importante nesta estrutura dramática. É relevante salientar que a peça foi escrita originalmente para compor um libreto de ópera. Aqui, o autor multiplica a voz do coro geral em mais três vozes distintas: coro de anabatistas, coro de católicos e coro de luteranos. Szondi (2004) atesta que o trágico se baseia numa oposição irreconciliável. Nesta cena, a divisão do povo, a violência e o ambiente de conflito são ainda mais enfatizados por esse recurso cênico:

Coro de anabaptistas

Como um lobo raivoso que rondasse as muralhas de Münster, mostrando as fauces venenosas e uivando ameaças terríveis,

Eis que o bispo Waldeck se aproxima da cidade para tirar desforra da humilhação e vergar-nos a obediência da sua igreja.

Ai dele, ai dele, que imagina não ter em Münster mais adversário que as escassas forças humanas dos seus moradores.

O senhor fará das nossas mãos o instrumento da Sua divina justiça, e o gume das nossas armas desafogará a Sua cólera.

Vem, pois, bispo Waldeck, bispo dos católicos, apressa-te a chegar aonde te espera a horrenda morte. (*levantam as espadas*)

(SARAMAGO, 1993, p.42).

Coro de católicos

Como Vingador Arcanjo que ocorre, implacável, a executar a vontade de Deus, e já ergue a lança contra os sequazes do demônio.

Eis que Waldeck, nosso bispo e nosso príncipe, avança contra a cidade pestífera para cumprir a promessa.

Livrar-nos da perversão e da heresia luterana em que vivemos, deste anabaptismo duas vezes perverso e herético duas vezes.

O senhor fará das nossas mãos o instrumento da Sua divina justiça, e o gume das nossas armas desafogará a Sua cólera.

Vem, pois, bispo de Waldeck, vem, e dá a quem oprimidos nos tem, merecida e horrenda morte. (*levantam as espadas*) (SARAMAGO, 1993, p.42-43).

Coro de luteranos

Como a nuvem plumbea que do horizonte cresce, trazendo no negro ventre todas as tempestades do céu,

Eis que o bispo Waldeck se aproxima da cidade para tirar desforra da humilhação e vergar-nos à obediência da Sua igreja.

Temamos a sua fúria, mas tal como a nuvem depois de descarregar os terríveis coriscos derrama sobre a Terra a chuva benfazeja,

Queira o senhor que pela porta da guerra entre a paz em Münster, que nós, com estas armas, defenderemos a sua vontade.

Vem, pois, bispo Waldeck, e dá, se Deus o quer, a quem o mereça, horrenda morte. (*levantam as espadas.*)

Coro geral

Vem, bispo Waldeck, vem.

Armas, armas, armas, horrenda morte. (SARAMAGO, 1993, P.43).

Nos registros históricos, a expulsão de Rothman e seus seguidores, foi em função de sua radicalidade, pois a cidade já era um centro de atividade anabatista. Em 1534, Jan Matthys, apóstolo anabaptista toma a cidade junto com seus seguidores e declara que que Münster seria a Nova Jerusalém. A partir daí ele inicia um tempo de regime de terror. O povo deveria escolher entre batismo ou morte. Os bens da cidade são saqueados e repartidos; os luteranos e os católicos passam a ser perseguidos.

Após um ano de caos e desordem, o bispo da região, auxiliado por uma grande tropa e por alguns dos anabatistas que se recusaram a apoiar o governo teocrático, retoma a cidade e executa seus líderes. Antes disso, a doutrina a celebra o Batismo adulto por imersão como símbolo de reconhecimento e obediência a Cristo. E no que diz respeito à salvação, o Anabatismo crê no livre-arbítrio, o ser humano tem a capacidade de se arrepender de seus pecados e Deus regenera e ajuda-o a andar em uma vida de regeneração.

No drama, os personagens luteranos contrapõem esta ideia: na voz de Von der Wieck, Münster, é uma infeliz cidade, com filhos divididos e desgraças por vir. E a consequência é o abandono da cidade pelos seus habitantes, por causa do medo, e o esvaziamento da população. Ele diz: “a tal chegamos, a tal nos reduziram a intolerância dos católicos e os excessos dos anabaptistas” (SARAMAGO, 1993, p.43).

A presença de fenômenos meteorológicos no céu é interpretada pela multidão como confirmação dos anúncios apocalípticos feitos por Rothmann. Uma exaltação religiosa apodera-se dos anabaptistas, e mesmo dos protestantes luteranos. Assustados, os católicos recolhem-se à Catedral. O apóstolo anabaptista que posteriormente seria o rei simbólico de Münster, pondera:

Jan Van Leiden: Tiveste um sonho, Matthys.

Matthys: O que para os homens comuns é sonho comum, Jan van Leiden, é inspiração de Deus para os profetas.

Jan Van Leiden: Como interpretas, então a ordem do Senhor?

Matthys: o senhor quis que eu abrisse a janela.

Jan van Leiden: Para que olhasses as estrelas do céu e adorassem a Sua grandeza.

Matthys: Sim, mas também para que pudesse ver as fogueiras do exército de Waldeck. (...) o senhor mostrou-me as fogueiras dos católicos e só depois ordenou, "Levanta-te e caminha" (SARAMAGO, 1993, p.76-77).

Na peça ficam evidentes o conflito e intervenção da igreja católica, mas ainda mais o sentido trágico dessa intervenção. Para Szondi (2004), não é trágico que o homem seja levado pela divindade a experimentar o terrível, e sim que o terrível aconteça por meio do fazer humano; assim, o trágico é um *modus*, um modo determinado de aniquilamento iminente ou consumado. "Como um raio desferido pela irada mão do senhor, reduziremos a pó e a cinza o poder de Waldeck. Tal como a cinza e pó reduzimos os livros e as imagens que ofendiam a palavra e a face do senhor" (SARAMAGO, 1993, p.79).

Na cronologia ao final da peça, há fatos a serem ressaltados e que foram considerados por Saramago:

Em 27 de fevereiro de 1534, aconteceu o princípio do cerco. No meio de uma tempestade de neve, são expulsos os que se recusaram a se deixar rebatizar. Outros, cerca de 300 homens e 2000 mulheres, são batizados à força. Desta maneira, a unidade religiosa da cidade é restabelecida. Contudo, há que distinguir entre os anabaptistas, as categorias: a) os convictos; b) os que querem apenas defender a cidade contra o bispo; c) os indiferentes; d) os que ficam ou vêm para Münster por espírito de aventura (SARAMAGO, 1993, p. 156).

Ou ainda:

Depois de 15 de março de 1534, há a queima dos livros existentes na biblioteca da catedral, nas bibliotecas particulares e nas livrarias (SARAMAGO, 1993, p.157).

Na cena abaixo, a tentativa de manter o povo a dançar tem grande simbologia na resistência e ao mesmo tempo, na aniquilação de forças.

Jan Van Leiden (apostolo anabaptista para o chefe da oposição anticlerical):

Dança, Knipperdollinck, dança, olha que não to direi três vezes.

Knipperdollinck hesita, mas obedece e começa a dançar. Pouco a pouco, a multidão vai-se movendo e acompanha-o. Ouvem-se os instrumentos. Knipperdollinck para de dançar, o povo prossegue. (...)

A dança aos poucos, tem vindo a esmorecer. as forças do povo já não são muitas. atmosfera sombria volta a cair sobre a cena. há no ar um pressentimento de tragédia.

Jan Van Leiden: Um rei não conta mortos, conta vitórias. *(falando para o povo)* E vós, haveis parado, por quê? Se eu vos digo que danceis, deveis dançar, pois a tristeza e o desgosto não encontram graça aos olhos do Senhor. Dançai, dançai todos!

Quase desfalecendo, aos tombos, o povo recomeça a dançar. Alguns caem, outros tentam reerguê-los e caem também. A cena é dolorosa. (SARAMAGO, 1993, p.130-132).

Ainda conforme Szondi, “é trágico apenas o declínio que ocorre a partir da unidade de opostos, a partir da transformação de algo em seu oposto, a partir da auto divisão (...). É trágico o declínio de algo que não poderia declinar, algo cujo desaparecimento deixa uma ferida incurável” (SZONDI, 2004, p. 84-85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o drama de Saramago, a presença da multidão na praça, a hostilidade entre os diferentes grupos de católicos, luteranos e anabaptistas provoca uma agitação difusa. A pensarmos sob a ótica de um evento histórico traumático, revivido através de uma recriação escrita, podemos pensar na reflexão de Aleida Assman a respeito da memória do trauma, na qual metaforicamente ela escreve que

A imagem da bala de chumbo que não se consegue extrair do corpo com cirurgia expressa a condição paradoxal do trauma; embora uma parte inalienável do homem, o trauma não é assimilável na estrutura identitária da pessoa, é um corpo estranho que estoura as categorias da lógica tradicional: ao mesmo tempo interna e externamente, presente e ausente. (ASSMAN, 2011, p.279).

E ainda:

O trauma estabiliza uma experiência que não está acessível à consciência e se firma nas sombras dessa consciência como presença latente. (ASSMAN, 2011, p.277).

Para concluir, Saramago, em sua escrita dramática, vai buscar o exemplo da intolerância humana. O tratado da intolerância não toma partido em nenhuma doutrina. Os três lados buscam seus interesses em acontecimentos históricos traumatizantes. E voltamos à questão: afinal, Quem é deus, quem é o diabo e quem é o homem? De acordo com o conflito religioso exposto aqui por Saramago, nos parece que os três são a mesma coisa.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Unicamp, 2011.

REIS, CARLOS. **Diálogos com José Saramago**. Belém: UFPA, 2018.

SARAMAGO, José. **In nomine dei**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.